

DESEMPENHO ESCOLAR DE CRIANÇAS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS: AS INTERFACES ENTRE A ESCOLA E A FAMÍLIA. Caroline Raniro. Silvia Regina Ricco Lucato Sigolo. – Educação - Pedagogia – Departamento de Psicologia da Educação - Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara

O presente trabalho foi desenvolvido no decorrer do segundo semestre de 2005 e primeiro semestre de 2006, é baseado na perspectiva ecológica de desenvolvimento humano, buscando caracterizar as relações estabelecidas entre família e escola em diferentes momentos do processo de escolarização. Esta perspectiva tem como principal representante Bronfenbrenner e se refere ao estudo científico da acomodação mútua e progressiva entre um ser humano ativo em desenvolvimento e as propriedades mutantes dos ambientes imediatos nos quais ele vive, conforme o processo é afetado pelas relações desses ambientes e pelos contextos mais amplos em que ele está inserido (Bronfenbrenner, 1996). Neste sentido, o autor aponta, na análise de algumas pesquisas, que o relacionamento entre a família e a escola é um fator poderoso que afeta a capacidade de uma criança aprender na sala de aula. O envolvimento dos pais na educação escolar de seus filhos é um elemento importante do processo educativo do indivíduo e vem sendo defendido por alguns autores como uma medida de inclusão da criança como personagem principal para os quais nossos esforços devam ser direcionados. Diversos estudos acreditam que uma relação produtiva entre a família e escola é positiva para todos os envolvidos, incluindo a sociedade como um todo. Família e escola podem juntas promover situações complementares e significativas de aprendizagem e convivência que realmente vão ao encontro às necessidades e demandas das crianças e de ambas as instituições. (Bhering, 2003; Carvalho, 2004; Szymanski, 1997).

O objetivo geral desta pesquisa visa caracterizar a natureza da interação família-escola de crianças de uma classe de educação especial, analisar as formas de intercomunicação entre essas instituições e, sobretudo compreender o desempenho acadêmico de alunos da sala como decorrência de condições do contexto familiar e escolar.

Participaram deste estudo dez alunos, com idade variando entre sete e quatorze anos, matriculados em uma classe especial de um sistema público de ensino, suas respectivas famílias e a docente responsável pela classe. Seis das crianças frequentaram a sala apenas em 2005 e quatro delas permaneceram na sala em 2006.

Para a coleta de dados foram realizadas observações da rotina de sala de aula e de reuniões de pais e aplicação dos instrumentos abaixo relacionados.

1) *RAF – Inventário de Recursos do Ambiente Familiar* – (MARTURANO, 1999) que tem por objetivo rastrear informações sobre condições relevantes para o desempenho acadêmico. Este instrumento compreende três módulos: o de *supervisão e organização de rotinas*; o de *oportunidades de interação com os pais* e o de *presença de recursos no ambiente físico*.

2) *Escala de Eventos Ambientais Adversos* (MARTURANO, 1999) – que investiga eventos adversos que podem ter ocorrido nos últimos 12 meses ou anteriormente na vida da criança. Esta escala é composta por 36 itens, divididos em três sub-escalas: vida escolar; familiar e pessoal da criança;

3) *Escala Comportamental Infantil A2 de Rutter (ECI)*, adaptada e padronizada por Graminha (1994) – que propõe a avaliação do perfil comportamental de crianças a partir de informação fornecida pelos pais compreendendo 36 itens, divididos em sub-escalas de problemas de saúde (08 itens), hábitos (07 itens) e comportamentos (21 itens).

4) *Roteiro de Entrevista 2 com pais* compreende 16 questões, cujo objetivo é investigar a visão dos pais sobre o trabalho da escola e da professora em relação ao filho e a sua família no que diz respeito às informações oferecidas sobre as dificuldades e deficiências, desempenho escolar e de serviços disponíveis na comunidade; suportes para lidar com as dificuldades e avaliação do desenvolvimento e da aprendizagem durante o período investigado.

5) *Roteiro de Entrevista com a professora* abrangendo os tópicos: trabalho docente, a escola e a educação de crianças, a relação família-escola e o processo de inclusão.

Os resultados apresentam dados coletados com as dez famílias com as quais foi possível levantar as informações do contexto familiar dos alunos que frequentavam a classe à época da coleta.

No levantamento dos recursos do ambiente familiar, no módulo de *supervisão e organização das rotinas*, percebe-se, que o recurso presente com maior índice é o de realização de *atividades diárias com horário definido* seguido pelo de *supervisão para escola*. As crianças, quando não estão na escola distraem-se assistindo televisão (em nove famílias), lendo livros, revistas, gibis (em oito famílias), brincando dentro de casa (em sete famílias) e na rua (metade das famílias) devido ao perigo das ruas. E, em relação ao arranjo espaço-temporal para a lição de casa, nas dez famílias, as crianças fazem as tarefas num lugar sossegado sem pessoas em volta.

Dentre as oportunidades de interação com os pais a maior incidência se dá nos passeios compartilhados e em oito famílias as crianças recorrem à mãe prioritariamente para pedir ajuda ou conselho, em uma família a criança procura mãe e pai e em outra não há a procura nem de pai nem de mãe.

A análise da presença de recursos no ambiente físico revela que essas famílias são extremamente carentes, exceto duas que têm um poder aquisitivo maior. A oferta de brinquedos ainda parece ser o recurso mais freqüente dentre as possibilidades prevista na avaliação. O oferecimento de livros, revistas e jornais é bastante precário e há uma baixa freqüência de atividades extra-escolares proporcionadas aos filhos, como inglês, computação, música, esportes.

A presença de eventos adversos é mais forte na família para sete das famílias avaliadas, seguido pela escola e criança. A entrada da criança na escola, em todas as famílias aconteceu anteriormente ao presente ano. A mudança de escola ocorreu, em alguns casos, devido à mudança de cidade. A repetência na escola se deu, no caso das crianças das famílias em que as mães viram que seus filhos não estavam aprendendo até o momento de transferi-los para a classe especial, o que resultou em trocas de professoras. Em uma das famílias houve a indicação de agressão por parte da professora. Em relação à vida pessoal da criança, a adversidade mais incidente foi morte de entes queridos, como os avós. Apenas em duas famílias a criança foi hospitalizada por mais de duas semanas. As adversidades do ambiente familiar mais incidentes foram instabilidade financeira em sete das famílias tanto no presente quanto em anos anteriores; brigas e separações temporárias entre os pais e união destes. Das dez crianças, membros destas famílias, apenas três delas têm irmãos mais novos que elas. E apenas quatro mães trabalham fora.

No geral, as crianças não apresentam problemas de saúde, ocasionalmente expressam nervoso e mau humor. Na sub-escala *Hábitos*, os itens que mais se destacam são em relação às dificuldades com a fala e medo. E em *Comportamento*, os dados indicam que as crianças são irrequietas, não conseguem permanecer muito tempo em uma atividade e se irritam facilmente com as coisas; geralmente são desobedientes e preocupadas; são muito tímidas diante de pessoas desconhecidas ou novas situações; são muito apegadas às mães e não têm segurança nelas mesmas. Vale ressaltar que segundo Graminha e Coelho (1994) o índice considerado ponto de corte na adaptação brasileira para problema de comportamento e necessidade de acompanhamento psicológico na visão dos pais é 16. Desta maneira, de acordo com os escores obtidos no instrumento evidencia-se a necessidade de acompanhamento psicológico em nove das dez famílias – uma vez que a somatória de pontos (saúde, hábitos e comportamento) excede 16.

As concepções parentais advindas das entrevistas indicam que família e escola são instituições responsáveis pela educação da criança. Parece que as mães atribuem responsabilidades à escola que não cabe exclusivamente a essa. As funções específicas da escola como desenvolvimento global do indivíduo, transmissão de conteúdos escolares, promoção da aprendizagem, contribuição para a formação não só pessoal como também intelectual dos sujeitos aparece raramente nos relatos das mães. A professora foi elogiada pela maioria das famílias, declarando as entrevistadas, que ela é muito atenciosa e tem muita paciência com as crianças. Quanto ao desempenho das crianças, todos os entrevistados disseram que os filhos vêm melhorando significativamente depois que eles entraram nesta escola e na classe especial.

Todos os entrevistados disseram que procuram estar presente às reuniões de pais e participam de conversas com a professora e quando não concordam com algo que ela expôs, têm liberdade para discordar. No geral, as entrevistadas fazem uma avaliação positiva da escola, dizendo que a instituição está caminhando bem e que os filhos desde que entraram na classe especial começaram a aprender. Porém destacam que é preciso que a escola faça um trabalho de conscientização com as crianças que não são da classe especial para que entendam e respeitem as dificuldades e deficiências de seus filhos.

Os responsáveis pelas crianças são unânimes em afirmarem que a escola está aberta aos pais. Eles compartilham a idéia da importância dos pais na escola e acreditam que esta participação tem relação com o desenvolvimento dos filhos.

Para nove dos dez pais ou responsáveis, a escola e a professora oferecem informações sobre as dificuldades dos filhos. Quatro responderam que a escola e a professora os auxiliam a enfrentar essas dificuldades, recebendo conselhos e incentivos por parte da professora, e oito responderam que a professora fornece informações que lhes permitem compreender com clareza as dificuldades do filho e seu desempenho. Ao perguntar aos pais ou responsáveis como avaliam o desenvolvimento e aprendizagem dos filhos durante o ano de 2005, nove responderam que as crianças se desenvolveram e aprenderam estando na classe especial, e portanto, progrediram significativamente. Em relação ao comportamento, à aprendizagem e à adaptação, sete mães responderam que houve melhora nos três aspectos.

A docente, por sua vez, afirma que o processo de aprendizagem das crianças na maioria das vezes se apresenta lento, dependendo de cada uma delas, da assistência que possuem, e do acompanhamento familiar. A relação que ela possui com os pais é bem aberta, sempre que necessita solicita ajuda. Sempre encontra alguma forma de se encontrar ou de se comunicar com eles e acredita que os alunos que apresentam um melhor desempenho são aqueles cujos pais apresentam consciência da importância da escolarização, que apresentam um pouco mais de estudo, que participam das atividades. Os que não participam são aqueles menos escolarizados, e que, portanto, consideram a educação como algo desnecessário. Ela faz menção à participação da família como algo necessário e relevante no seu trabalho e busca mostrar aos pais que os filhos deles são capazes e que devem acreditar que as crianças conseguem e que a frustração é normal quando os pais descobrem ter uma criança especial.

Acredita que a escola, ao longo do tempo, virou uma instituição assistencialista, as crianças vão para a escola comer, tomar banho, e os professores foram descaracterizados, têm que exercer função de psicólogo, terapeuta e outros profissionais.

Segundo a professora, a adaptação das crianças na classe especial varia de aluno para aluno. Algumas se saem bem e outras não muito. Quando ingressam na sala, a professora lhes explica que vai trabalhar o conteúdo com mais tranquilidade, que eles vão aprender um pouquinho mais devagar, que é uma classe especial justamente porque pode atender as necessidades que cada um apresenta. Algumas crianças e famílias não aceitam, acham que é sala de retardado: o preconceito está nas próprias instituições envolvidas. Constantemente, a professora pede às colegas de profissão, que expliquem a seus alunos que na escola existe uma classe especial e que, portanto todos devem respeitar e se socializar, mas isso geralmente não acontece.

A professora considera a participação dos pais na educação das crianças como algo fundamental. A escola e a família são responsáveis por processos educacionais complementares, no entanto, as atribuições não estão tão especificadas e a escola acaba por transmitir valores e práticas que seriam da responsabilidade da família. Na avaliação da professora acredita que oferece espaços para os pais se colocarem. Ressalta que problemas familiares como pais separados, pais drogados, e outros problemas atrapalham muito o desenvolvimento acadêmico das crianças. Estes fatores interferem na auto-estima da criança, que para ela *“é o termômetro da aprendizagem”*.

De forma geral, os resultados apontaram que a maioria das famílias apresenta poucos recursos e muitos eventos adversos - fatores que podem influenciar no desenvolvimento educacional das crianças. A comunicação entre os pais e a escola é escassa. A professora julga que os pais não apresentam interesse por assuntos da escola e os pais, embora acreditem que essa relação seja importante, declaram que a escola não propicia aproximação adequada. Quando ocorre interação por meio de pais-escola-criança, a criança tem mais probabilidade de se desenvolver plenamente.

Das crianças que freqüentaram a sala em 2005 e que participaram da pesquisa - cinco foram incluídas em salas regulares, uma foi encaminhada para instituição especial e quatro permaneceram na sala em 2006, ano em que ingressaram nove crianças. Vale destacar que o critério para que a criança seja incluída não se baseia necessariamente no fato dela possuir um bom desempenho durante o ano ou dispor de mais recursos familiares. Os encaminhados para a escola regular se justificam pelo fato de ter ultrapassado o período de dois anos permitidos para permanência do aluno nesta sala. Pode-se verificar que em um ano de trabalho, as crianças em geral progrediram significativamente; cada qual com suas limitações. Àquelas crianças que são incentivadas pela família, que são apoiadas nas tarefas

escolares, que apresentam oportunidade de interagir com os pais e cujos pais valorizam a relação família-escola, apresentam um quadro de melhora significativo no desenvolvimento em curto prazo de tempo, mesmo possuindo poucos recursos (livros, jornais e outros) em casa, por exemplo. Assim, os diferentes contextos se inter-relacionam de forma a compor um mosaico de possibilidades para a determinação do desempenho acadêmico.

Referências Bibliográficas

- BHERING, Eliana. Percepções de pais e professores sobre o envolvimento dos pais na educação infantil e ensino fundamental. **Contrapontos**, Itajaí, v.3, n.3, p.483-510, set/dez. 2003.
- BRONFENBRENNER, Urie. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- CARVALHO, Maria Eulina Pessoa. Modos de educação, gênero e relações escola-família. **Cadernos de Pesquisa**, v.34, n.121, p.41-58, jan/abr.2004.
- MARTURANO, E.M. Recursos no ambiente familiar e dificuldades de aprendizagem na escola. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 1999, 15, 135-142.
- GRAMINHA, S.S.V. A escala comportamental infantil A² de Rutter: estudos de adaptação e fidedignidade. **Estudos de Psicologia**, 1994, 11(3), 34-42.

Bolsa: CNPq/PIBIC